



DIREITOS HUMANOS E DEFESA TERRITORIAL: A LUTA YANOMAMI DIANTE DA CRISE SANITÁRIA

Suliete Gervásio Monteiro – UnB

Grupo de Trabalho: GT 8 – Direitos Humanos na Pós-Graduação: Pesquisas em Rede

RESUMO:

A pesquisa analisa os processos de invasão sofridos pelo povo Yanomami em seu território, com ênfase no contexto da pandemia de Covid-19. A partir da análise de documentos institucionais e relatos de lideranças indígenas, o estudo buscou compreender os impactos socioambientais, culturais e políticos resultantes dessas invasões. Considerando as riquezas naturais, minerais e culturais da Terra Indígena Yanomami, evidencia-se que as ações ilegais de garimpo e ocupação têm provocado sérios prejuízos à integridade ambiental e à organização social do povo. O território, entendido como elemento essencial para a vida e a identidade indígena, constitui o eixo central da reflexão teórica, fundamentada em autores e lideranças indígenas contemporâneas. Conclui-se que a luta Yanomami pela proteção territorial representa um processo histórico e contínuo de resistência, no qual se reafirma a defesa de direitos fundamentais relacionados à terra, à saúde, à educação, ao meio ambiente e ao fortalecimento da identidade coletiva.

Palavras-chave: Povo Yanomami; Território; Invasão; Covid-19; Resistência.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa de dissertação “O Retorno de Xawara no Território Yanomami: Conflito, Luta e Resistência” investigou as sucessivas invasões sofridas pelo povo Yanomami, enfatizando o agravamento dessas violações durante a pandemia da Covid-19. O estudo propõe uma reflexão crítica sobre as dinâmicas coloniais e contemporâneas de violência que atravessam os territórios indígenas



no Brasil, articulando a perspectiva dos direitos humanos com o pensamento e a cosmovisão indígena.

O termo “Xawara”, na língua Yanomami, significa epidemia, doença ou contaminação trazida pelos napë (não indígenas). O “retorno de Xawara” é, portanto, simbólico e literal: representa tanto a propagação da Covid-19 quanto a continuidade histórica das epidemias e invasões que assolam o povo Yanomami desde o contato com os colonizadores. O trabalho parte da constatação de que a pandemia revelou e intensificou desigualdades estruturais e o abandono estatal, expondo o caráter genocida das políticas públicas voltadas aos povos originários.

A autora, indígena do povo Baré, insere-se como pesquisadora-sujeito, assumindo uma posição epistêmica que rompe com o modelo colonial de pesquisa sobre povos indígenas. O estudo situa-se na interface entre direitos humanos, territorialidade, saúde coletiva e epistemologias indígenas, tendo como eixo central a luta dos Yanomami pela defesa de sua Urihi — a “terra-floresta” — compreendida como espaço de vida, espiritualidade, ancestralidade e existência.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico da dissertação articula a literatura indígena contemporânea e autores críticos dos direitos humanos no Brasil. Entre as principais referências estão Davi Kopenawa Yanomami, Ailton Krenak, Gersem Baniwa, Eloy Terena, Célia Xakriabá e Vanessa de Castro, além de diálogos com antropólogos como Bruce Albert.

O objetivo é descolonizar a produção do conhecimento, substituindo a ótica eurocêntrica pela centralidade da voz indígena na interpretação dos fenômenos sociopolíticos. A obra *A Queda do Céu* (Kopenawa & Albert, 2015) é um dos pilares conceituais, pois revela a cosmologia Yanomami e o papel dos xapiri — os espíritos protetores da floresta — na sustentação da vida e do equilíbrio do mundo. Para Kopenawa, a destruição da floresta é também a destruição da humanidade. Sua narrativa evidencia que a crise ambiental e sanitária que atinge os povos indígenas é consequência direta da cobiça dos



kariwa (não indígenas), cuja ganância por ouro, madeira e terra rompe a harmonia entre seres humanos e natureza.

Gersem Baniwa complementa essa visão ao afirmar que o território é condição ontológica da vida indígena, não apenas um bem material, mas um conjunto de seres, espíritos, saberes e valores que constituem a própria existência coletiva (LUCIANO, 2006). Assim, a noção de Urihi — “terra-floresta” — é compreendida como espaço vivo, dotado de agência espiritual e ecológica, onde a natureza e a sociedade formam uma totalidade inseparável. Ailton Krenak (2019) acrescenta que o colapso ambiental e social é resultado da separação moderna entre humanidade e natureza. A resistência indígena, nesse contexto, é uma proposta de retomada da humanidade coletiva, na qual a vida não se mede pelo lucro, mas pela relação de reciprocidade com o território.

Para Célia Xakriabá, essa luta também é epistemológica: “nos colonizaram a terra, o corpo e o pensamento; descolonizar é reexistir”. O diálogo entre esses pensadores e as lideranças Yanomami, especialmente Davi e Dário Kopenawa, permite compreender o território não apenas como espaço físico, mas como fundamento espiritual, cultural e político. A defesa do território, portanto, é uma defesa da vida.

3. METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e se estrutura sob a perspectiva da pesquisa indígena e decolonial, valorizando a oralidade, a escuta e o diálogo com as lideranças Yanomami como fontes primárias. Em meio às restrições da pandemia, foram realizadas entrevistas e conversas virtuais com lideranças, além da análise de documentos, relatórios, mapas e campanhas como “Fora Garimpo, Fora Covid” (2020), organizada pela Hutukara Associação Yanomami, pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) e pela COIAB.

A autora enfatiza que a metodologia reflete a ética da pesquisa indígena: o conhecimento é coletivo, relacional e comprometido com a comunidade. O uso da oralidade como instrumento de coleta de dados é apresentado como uma forma de resistência epistêmica, pois reconhece o valor dos modos próprios de



transmissão de saberes. Assim, o diálogo com as lideranças não se reduz a uma “entrevista”, mas constitui uma forma de “escuta ativa”, em que a palavra é portadora de memória, espiritualidade e autoridade política.

O trabalho também inclui pesquisa documental em acervos históricos (como o Armazém Memória e o Instituto Socioambiental), análise de relatórios sobre saúde indígena e monitoramento de dados epidemiológicos na Terra Indígena Yanomami (TIY). As categorias centrais da análise — território, invasão, saúde, garimpo e resistência — são tratadas de forma interdependente, compondo um quadro de violência estrutural e resistência contínua.

4. RESULTADOS/DISCUSSÃO

Os resultados demonstram que a pandemia reatualizou processos históricos de invasão e genocídio. Desde os anos 1970, o povo Yanomami sofre com a violência do garimpo, doenças e destruição ambiental. Mesmo após a demarcação da Terra Yanomami (1992), o território continua sob ameaça, com cerca de 60% da área coberta por requerimentos minerários. A Covid-19 agravou a crise: garimpeiros disseminaram doenças e violência, transformando a emergência sanitária em uma catástrofe humanitária. A campanha “Fora Garimpo, Fora Covid” simboliza a resistência e o protagonismo das lideranças indígenas.

A análise reforça que o território é o elo entre direitos humanos e direitos da natureza. A destruição da Urihi, a “terra-floresta”, é também a destruição da vida. Inspirada em Krenak e Baniwa, a autora argumenta que resistir é adiar o fim do mundo e reafirmar o papel civilizatório dos povos indígenas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa conclui que o povo Yanomami enfrenta uma guerra territorial e epidemiológica contínua, marcada pela omissão do Estado brasileiro e pela expansão do garimpo ilegal. A pandemia de Covid-19 atuou como catalisadora de um processo histórico de expropriação, revelando o racismo estrutural que sustenta a política indigenista nacional. O “retorno de Xawara” é, portanto, a expressão contemporânea da necropolítica aplicada aos povos indígenas.



Entretanto, a autora reafirma que os Yanomami e os povos indígenas do Brasil são povos da resistência. A luta pela terra é também luta pela vida, pela saúde, pela educação e pela preservação cultural. A defesa da Urihi é um ato político, espiritual e civilizatório, que confronta o paradigma destrutivo do capitalismo e propõe uma ética da interdependência entre todos os seres.

O trabalho contribui para o campo dos Direitos Humanos ao demonstrar que a efetivação dos direitos territoriais e ambientais é inseparável da garantia dos direitos à saúde, à cultura e à vida. Também reforça a importância das epistemologias indígenas na produção científica, reconhecendo que a pesquisa feita por indígenas é uma forma de resistência e de descolonização do pensamento.

Por fim, a autora propõe que as políticas públicas voltadas aos povos indígenas devem ser construídas com sua participação direta, respeitando seus modos de vida, suas lideranças e seus saberes tradicionais. A proteção das Terras Indígenas Yanomami é um imperativo ético e constitucional que transcende fronteiras: é condição para a continuidade da vida na Terra.

Assim, este trabalho se encerra com uma mensagem de Davi Kopenawa que sintetiza todo o sentido da luta: “A terra-floresta só pode morrer se for destruída pelos brancos. Se ela morrer, morremos todos.”

REFERÊNCIAS

APIB (2020). Nossa luta é pela vida. Covid-19 e povos indígenas: o **enfrentamento das violências durante a pandemia**. Comitê Nacional pela Vida e Memória Indígena. Novembro de 2020. Disponível em: https://emergenciaindigena.apiboficial.org/files/2020/12/APIB_nossalutaepelavida_v7PT.pdf. Acesso em: 20 nov. 2021.

APIB (2022). **Panorama Geral da Covid-19**. https://emergenciaindigena.apiboficial.org/dados_covid19/. Acesso em: 10 jan. 2022.

ALBERT, B. Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI). Povos Indígenas no Brasil. **Terra Yanomami e Florestas Nacionais no Projeto Calha Norte**: uma expropriação “ecológica”. São Paulo, 1991.



ALBERT, B; MILLIKEN, W. Uhiri A: **a terra-floresta Yanomami**. São Paulo: Instituto Socioambiental; Paris, Fr: IDR- Institut de Recherche pour le Développement, 2009.

ALBERT, B. Povos Indígenas no Brasil (PIB):1991/1995/. **O massacre dos Yanomami de Haximu**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 1996. p. 203-207.

A ÚLTIMA FLORESTA (2021). Direção: Luiz Bolognesi. Roteiro: Davi Kopenawa Yanomami, Luiz Bolognesi. Brasil, 1h14min, documentário.
<https://www.netflix.com>.

BRASIL. (2022). Ministério da Saúde. **Saúde Indígena** Sesai.
<https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sesai>. Acesso em: 13.01.2022.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. PATEO, R. D. **Relatório sobre violações de Direitos Humanos na TIY 1960-1988/** Comissão Nacional da Verdade. Brasília:
CNV, 2014. Disponível em:
<http://www.docvirt.com/docreader.net/ComissaoVerdade/2296>. Acesso: 10 dez. 2021.

BOCKORNI, B. R. S.; GOMES, A. F. A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR, Umuarama, v. 22, n. 1, 2021. p. 105-117.

BRUNATO, I. UOL. H aventuras na história. **Os horrores do massacre de Haximu executado por garimpeiros**. Publicado em 04/10/2020. Disponível em:<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/oshorroresdo-massacre-de-haximo-executado-por-garimpeiros.phtml>. Acesso: 17.11.2021. BioMania. Rio Orinoco. Disponível em:
<https://biomania.com.br/artigo/rio-orinoco>. Acesso: 30 nov. 2021.

CORREA, C. N. O Barro o Genipapo e o Giz no Fazer Epistemológico de Autoria Xakriabá: **Reativação da Memória Por Uma Educação Territorializada**. Dissertação de mestrado.UnB. Brasília, 2018.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. tradução Beatriz Perrone – Moisés; Prefácio de Eduardo Viveiros de Castro - 1ª ed. – São Paulo: Companhia das letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das letras. 1ª ed.

– São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LUCIANO, G. J. S. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de



Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, LACED/Museu Nacional, 2006.

MONTEIRO, S. G. (2021). Território, luta e resistência: **Uma abordagem a partir da ciência dos povos indígenas**. In: ZELIC, Marcelo; ZEMA, Ana; MOREIRA, Elaine (orgs.). Genocídio indígena e política integracionistas: Demarcando a escrita no campo da memória. São Paulo: Selo da Rua, pp. 53-75.

TERENA, Eloy. Vukápanavo o despertar do povo terena para os seus direitos: **Movimento indígena e confronto político**. Tese de doutorado. UFRJ. Rio de Janeiro, 2019.

SMITH, L.T. Descolonizando metodologias: **pesquisa e povos indígenas**. Tradução Roberto G. Barbosa.- Curitiba: Ed. UFPR, 2018. SMITH, Linda Tihuwai (2016). A descolonizar las metodologías: investigación y pueblos indígenas, Santiago: Lom ediciones.